

CONTRA A OPRESSÃO CISHETEROPATRIARCAL, ESPECISTA, E CAPITALISTA! TRANSFEMINISMO LIBERTÁRIO!



Companheirxs,

Hoje celebra-se mais um 8 de Março, mais um Dia Internacional das Mulheres. Neste 8 de Março, continuamos raivosxs e enraivecidxs, agitadx e agitadorxs, armadx e armantxs, resistantxs e irresistíveis, dissidentxs e decididxs, porque temos muito por que lutar, demasiado para destruir, quase tudo para transformar.

É URGENTE combatermos o esvaziamento político que o cisheteropatriarcado faz do 8 de Março, apagando o significado histórico desta data e substituindo-o por celebrações ocas que (re)produzem as normas regulatórias de género e das sexualidades sobre os nossos corpos e sobre as nossas experiências. Ao invés dos momentos festivos apolíticos que só reconfortam os nossos opressores, fomentemos a revolta, a disrupção, a tomada das ruas pela visibilização das várias intersecções que nos constituem, pela libertação de todxs - mulheres, ciganxs, queers, trans, imigrantes, refugiadx, operárixs, precárixs, pessoas com diversidade funcional, negrxs, putas, não-monogâmics.

É URGENTE pormos fim à apropriação das nossas lutas por parte dos agentes-do-capital. Rejeitemos as narrativas neoliberais de “empoderamento”, aquelas que visam converter-nos em máquinas laboriosas e laboráveis, em consumidorxs e consumíveis, à mercê das empresas, das corporações, dos governos e dos bancos. Desmontemos a retórica meritocrática, aquela que oculta as desigualdades sistémicas e as relações de poder opressivas através de discursos bacocos sobre competência, sucesso e carreirismo. Vomitemos sobre a lógica da competitividade para - em seu lugar - recuperar as relações de cooperação, a solidariedade e o apoio mútuo. Cuspamos sobre o individualismo liberal e humanista - que produz patrões, presidentes, mestres e donos - para assumirmos a nossa relacionalidade, interdependência e precariedade.

É URGENTE rejeitarmos os discursos institucionais de vitimização que nos retiram agência e retratam a(s) violência(s) contra nós como actos pontuais, não-ideológicos, originados nas falhas pessoais dos agressores. Paremos de pedir aprovação àquele que detém o monopólio do exercício da(s) violência(s) - o Estado - sobre o que podemos ou não fazer com as nossas vidas, os nossos corpos, os nossos desejos. Deixemos de lutar contra as materializações interseccionadas da opressão através do reformismo, da bajulação estatista, da subserviência às elites políticas.

É URGENTE organizarmo-nos autonomamente sem a interferência daqueles que nos agrilhoam o pensamento, aglutinam as ideias e esmagam a criatividade a favor de pacotes-partidários que estão sob a alçada dos oligarcas de sempre. Fazer política não significa partidarização. A democracia representativa é uma artificialidade conveniente: enquanto estruturas hierárquicas assentes na delegação e centralização do poder, os partidos são parte do problema, não da solução. Queremos auto-gestão, não partidarização!

<https://www.facebook.com/ratadentata/>